

# LÍNGUAGENS E REDAÇÃO

COM

FERNANDA  
PESSOA

Vénus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma estátua pré-histórica feminina, com cerca de 11 cm de altura, encontrada em Willendorf, Áustria, em 1908. A estátua é feita de calcário e tem um corpo curvilíneo, com seios grandes e uma barriga proeminente. Foi descoberta por um trabalhador de nome Johann Feuerstein. A estátua é considerada uma das mais antigas representações de feminilidade. A sua datação é estimada entre 28 000 e 25 000 anos. A estátua foi escavada na sequência de escavações realizadas no sítio arqueológico de Willendorf, que é situado perto de Viena, na Áustria. Foi esculpida em calcário da região, e colorida com ocre vermelho. Num estudo publicado em 1990, os investigadores examinaram através de tomografia computadorizada as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos fragmentos de conchas marinhais, comparando-as com aglomerados de depósitos de conchas marinhais encontrados em vários locais da Europa: de forma a confirmar a sua origem. No estudo, amostras de calcário de Sagas de Alas foram usadas para comparar com a "virtualmente indistinguível" do calcário Vénus. A estátua é feita de calcário Vénus, que é uma variedade de calcário comum na região. Os seus seios são grandes e redondos, e a barriga é proeminente. A estátua continha fragmentos de minúsculos fósseis de conchas marinhais, pertencendo ao género Oxytomidae. Esta previsão de idade é baseada em estudos de carbono-14, que indicam que a estátua é de cerca de 22 000 ou 24 000 anos. Quando o género agora extinto estava vivo, a estátua continha igualmente fragmentos bivalves. Em 1990, após uma revisão da análise estrutural, a estátua foi esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. A sua forma e proporções sugerem um significado cultural. A Vénus não presta atenção à sua forma feminina. A vulva, seios e barriga são representadas de forma forte com o conceito da fertilidade. As suas proporções são desproporcionais, com os seios dobrando-se sobre os seios e não têm um formato de trança, um tipo de penteado ou mesas. O apelido com que ficou conhecida causa alguma confusão, pois os investigadores conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Sweet Briar College, sugere que a identificação irónica destas figuras com Vénus satisfaz a necessidade de se explicar a sua origem. No entanto, a sua origem é desconhecida, sobre o que era na época em que o Vénus de Willendorf foi criado.

bre



GRAMÁTICA  
NA PRÁTICA 01



CURSO  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

# GRAMÁTICA NA PRÁTICA



## TEXTO 1

### FESTEJAMOS A INDEPENDÊNCIA, MAS TEMOS UMA SOBERANIA A RESGATAR

*Ladislau Dowbor economista setembro de 2022*

A economia hoje é, em grande parte globalizada. Em particular com o dinheiro impresso por governos substituído por dinheiro virtual emitido também por bancos (97% da liquidez) as finanças, passaram a funcionar em escala planetária. Por exemplo três corporações privadas BlackRock Vanguard e State Street administram cerca de 20 trilhões de dólares três vezes o orçamento federal dos Estados Unidos. A globalização financeira, reduz drasticamente a autonomia dos países definirem os seus rumos já não só frente à países mais fortes mas frente ao poder corporativo. Basicamente temos governos nacionais que enfrenta uma economia globalizada. O conceito de independência encontra aqui uma limitação estrutural.

Um segundo eixo que limita a autonomia de decisão é o controle norte-americano sobre as transações internacionais por meio da dominação do dólar. Essa herança de Bretton-Woods do fim da II Guerra Mundial permite aos Estados Unidos emitir dólares sem limites sem gerar inflação ou desvalorização do dólar na medida em que são absorvidos por bancos centrais de diversas partes do mundo.

Tentativas dos países comercializarem entre si sem passar pelo dólar e taxas de transação são até hoje atacados militarmente pelos Estados Unidos (Iraque e outros). Um novo polo estar se constituindo inicialmente com China Rússia e Irã e numerosos interessados. A soberania do dólar é uma herança da hegemonia americana de 1945 hoje fragilizada e pouco realista. As propostas em discussão vão no sentido de um sistema internacional com várias moedas mas por enquanto a limitação a soberania continua.

A soberania de um país, depende também, da sua capacidade de canalizar os recursos financeiros segundo as suas prioridades.

A facilidade que os recursos financeiros no Brasil são canalizados para paraísos fiscais torna qualquer tentativa de regulação muito precária. No Brasil o poder das corporações internacionais do agronegócio, ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus (ABCD), que controlam 80% do comércio de grãos, leva a que o país priorize exportações enquanto 33 milhões de pessoas passam fome e 125 milhões estão em situação de insegurança alimentar. A Índia por exemplo frente ao problema da fome proibiu às exportações de trigo.

O Brasil, não só mantém a fome como isentou os exportadores de impostos (Lei Kandir, 1996) e os lucros e dividendos distribuídos são igualmente isentos de impostos (1995). O país é simplesmente drenado inclusive com o ministro da

Economia escondendo milhões em paraíso fiscal (sobre o nome código Dreadnaught). Ou seja a opção de orientar os recursos para onde o país deles precisa se vê muito limitada pelo sistema internacional de dreno. Em 2012 o Tax Justice Network estimou que o volume de capitais brasileiros em paraísos fiscais eram da ordem de um terço do nosso PIB.

Interesses semelhantes atingem à autonomia energética. O fato do Brasil ter forte base hidroelétrica e grandes reservas de petróleo deveriam assegurar independência no setor. Não se imagina a China por exemplo entregar o controle da sua base energética à corporações transnacionais. A Petrobrás no quadro de um governo submisso à interesses internacionais passou à cobrar preços absurdos no mercado interno não há nenhuma razão econômica de se cobrar preços internacionais por um produto que é nacional de forma a alimentar acionistas globais com dividendos elevados.

Acionistas nacionais estão amarrados aos interesses internacionais gerando travamento da economia pela elevação de preços da energia.

Custos energéticos impacta numerosos setores. O processo pode ser encontrado nas diferentes privatizações ao abrir acesso aos recursos do país pelos acionistas internacionais por exemplo BlackRock, Glencore, Billiton e outros com os seus aliados internos perde-se a capacidade de usar recursos primários para financiar atividades industriais ciência e tecnologia e semelhante. Grande parte do legislativo dependem de lucros indiretos obtidos pelo dreno de riquezas assim constituído. A privatização na medida em que abre as empresas para compra de ações significa desnacionalização. A Vale é um exemplo claro.

A independência cultural têm uma importância essencial. Mas a mídia comercial vive de publicidade paga em parte dominante pelos mesmos interesses. Quando vemos grandes jornais explicar que devemos pagar os preços internacionais por um produto que é da nação é o próprio conteúdo jornalístico cujo é apropriado pela lógica corporativa e da ideologia norte-americana. É muito impressionante varrermos os canais de televisão para encontrarmos um filme decente passando por uma sequência de conteúdos quase idênticos norte-americanos com aviso de “violência, sexo, drogas”. O mundo tem uma imensa riqueza cultural, que não aparece. O vazio cultural criado não aparece como vazio pois se quer o conhecemos. O uso político da religião, nos faz olhar para os céus quando deveríamos olhar para as crianças onde passam fome.

É importante entender que hoje o país perdeu grande parte da sua independência não por intervenções ou ameaças externas mas pela constituição de elites internas que são “clientes” no sentido de Estado clientelista dos interesses externos. A dependência estar enraizada na força das fortunas internas e dos seus representantes políticos.

A perda de soberania têm poderosas raízes locais. Há conexões profundas entre a desigualdade explosiva a miséria de tantos a entrega dos recursos naturais o endividamento generalizado da população e a orientação geral da economia e da política.

Há poucos anos atrás o Brasil foi tirado do Mapa da Fome hoje a fome se generalizou. O país tinha se industrializado. Hoje apenas dois setores são pujantes na economia: a exportação de bens primários e a intermediação financeira ambos ligados aos mesmos interesses de um mundo financeirizado. A chamada autonomia do Banco Central tirando do governo ferramentas de regulação financeira completam um quadro de entrega de soberania que hoje depende mais de quem manda no dinheiro do que de quem manda na tropa. Quando vemos quem se veste de bandeira do Brasil não podemos deixar de vê a ironia.

O reverso da medalha, é que voltar a desenvolver o país em função dos interesses nacionais do interesse geral da população envolvem uma re-orientação econômica profunda: eliminar à Lei Kandir para que a alimentação sirva ao país que a produz. Voltar a cobrar impostos sobre lucros e dividendos para que os ricos paguem um imposto como o paga a população em geral. Usar as receitas geradas para voltar à financiar a educação, a ciência e a tecnologia, a pequena e média indústria, a saúde, as políticas ambientais.

A independência hoje significa colaborar com a comunidade internacional para enfrentar os dramas globais construir uma sociedade mundial economicamente viável mais também socialmente justa e ambientalmente sustentável.

Colaboração construtiva em vez de submissão. O que fazer não é mistério voltar à usar os recursos em função do bem comum. Isso gera PIB gera emprego gera desenvolvimento e sobretudo resgata a dignidade nacional.



## Erros mais comuns





*Estamos juntos nessa!*



CURSO  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.